

Maria Peregrina de Sousa (1809-1894)

Ana Cristina Comandulli

UNIRIO/PPLB

Maria Peregrina de Sousa nasceu no Porto, em 13 de fevereiro de 1809. O nome de batismo era simplesmente Maria de Sousa, recebendo o acréscimo de Peregrina por seu tio, devido aos deslocamentos de sua família pelos arredores do Porto, quando da invasão francesa em Portugal. A menina Peregrina teve dificuldade, como todas de sua época, de acesso às artes e às letras. A dança e a leitura eram permitidas com moderação; ainda assim, ela só poderia ler obras de escritores portugueses, contanto que submetidas previamente a sua mãe.

Maria Peregrina teve sua mocidade abalada pelos problemas econômicos do pai comerciante. Este também foi soldado e participou da guerra contra os liberais, ainda que a contragosto, segundo ressalta Peregrina. Por não querer mais lutar e, desse modo, desobedecer às ordens das tropas miguelistas, foi punido com prisão. A mãe morreu enquanto o pai estava preso.

No romper da juventude, Maria Peregrina teve uma grande decepção amorosa. Isso contribuiu para sua decisão de viver no campo juntamente com sua irmã.¹ Foi, em meio às turbulências da vida, que Peregrina deu início aos seus escritos e o seu primeiro poema foi enviado ao *Archivo Pitoresco*. Em seguida, passou a publicar na *Revista Universal Lisbonense*, com o pseudônimo de “Uma Obscura Portuense”. Tratava-se de uma série de escritos sobre crenças e superstições do Minho.

O pseudônimo e o cariz dos escritos deixaram as pessoas curiosas, incluindo o próprio redator da *Revista*, António Feliciano de Castilho, que declarou ter desvendado a identidade da escritora do Porto por ser ele um “grande farejador de bons talentos litterarios” (CASTILHO, 1861, p. 273). A melhor definição de Maria Peregrina talvez seja a que ela mesma fez e que foi publicada por Castilho, como parte de sua biografia, na *Revista Contemporânea*, em 1861:

¹ Esses dados biográficos foram informados pela própria autora a Castilho, que os publicou na *Revista Contemporânea*.

Tinha eu um génio naturalmente alegre, herdado em comum de pai e mãe; mas assim mesmo já em criança gostava de gozar o meu pouquinho da solidão e melancolia. A essa melancolia vaga, que então não tinha realidades a que se encostar, chamarei eu hoje quase alegria; tanta era a satisfação que me dava. (*Rev. Contemporânea de Portugal e Brasil*, 1861, p. 274).

Uma vez descoberta a identidade de Peregrina, coube a Castilho mantê-la em segredo pelo tempo em que esta escreveu para sua revista, segredo daquela que tinha “trabalhado, estudado, e produzido, sem ambição” (CASTILHO, 1861, p. 274). A amizade entre Castilho e Peregrina foi mantida por meio da troca estreita de correspondência por toda a vida. Foi Castilho o responsável não apenas pela divulgação do nome de Peregrina (cf. CRUZ, 2013), mas por grande parte do trabalho de crítica e revisão dos textos que ela publicou. Castilho incentivou Peregrina a escrever sobre assuntos mais populares e folclóricos e fez com que ela acedesse ao rol das boas escritoras portuguesas de seu tempo. Quando problemas relacionados com a saúde da irmã, além de cuidados com o irmão, levaram a “Obscura Portuense” a deixar de lado as letras, lá estava outra vez Castilho a lhe dar forças e a arrumar formas de enaltecer a escrita da referida autora.

Foi a influência de Castilho que a levou a publicar na revista *Iris*, do Rio de Janeiro, cujo redator era José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha. Quase uma década depois, ela passa a escrever trovas e pequenos contos no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, de forma intermitente, entre os anos de 1854 e 1894.

Morre o pai de Peregrina em 1856, e esta passa a viver apenas com a irmã, Maria do Patrocínio, enfrentando graves problemas financeiros. Em 1864, morre sua irmã e, novamente, por insistência de António Feliciano de Castilho, a autora continua a escrever e a publicar. Desta vez, em 1865, um folhetim de título “Maria Isabel”, no periódico *Esperança*, que saiu em volume no ano seguinte.

Maria Peregrina de Sousa colaborou ainda, na década de 50 do século XIX, em outros periódicos como *Aurora*, *Pirata*, *Pobres do Porto*, *Lidador*, *O Recreio das Damas* e *Restauração*. Participou também de três periódicos de poesia: *A Miscelânea Poética*, nos anos de 1851 e 1852, *O Bardo*, em 1852, e *A Grinalda*, de 1855 a 1869. Utilizou em suas publicações o já conhecido pseudônimo de “Obscura Portuense” e somou ainda o de “Mariposa”, além da identificação pelas iniciais D.M.P ou D.M.P.S.

Em 1859, Maria Peregrina publicou, pela primeira vez em livro, um romance com o título de *Retalhos do Mundo*, com 58 capítulos iniciados com provérbios ou rifões, que ofereceu ao seu mestre Castilho. Escreve ainda *Rhadamanto ou a Mana do Conde*, vindo a lume em 1863 a expensas da Sociedade Madrépora do Rio de Janeiro, sendo incluída na mesma brochura a novela *Roberta ou a Força da Simpatia*, já conhecida, desde 1848, pelas páginas do periódico *Pobres no Porto*. O quarto romance em livro data de 1876 e leva o título de *Henriqueta*. Esse também já publicado, em folhetim, no jornal *O Pirata*, em 1850. Quinze anos depois, escreve o já comentado *Maria Isabel* no periódico *A Esperança*.

A escritora do Porto também atuou como crítica de trabalhos de tradução de António Feliciano de Castilho a pedido do próprio poeta, que acreditava no conhecimento e sensibilidade de Peregrina.

D. Maria Peregrina de Sousa morreu no dia 16 de novembro de 1894, na Rua de Santa Catarina, cidade do Porto. Ao tempo de Maria Peregrina, havia imensa dificuldade para que as mulheres publicassem seus trabalhos e essa escritora conseguiu divulgá-los graças aos amigos, como Castilho, que facilitaram o caminho (cf. CUNHA, 2014). A obra de Peregrina está dispersa em muitos periódicos e sua fortuna crítica é quase inexistente, o que dificulta seu reconhecimento.

Referências

- CASTILHO, António Feliciano de. D. Maria Peregrina de Sousa. REVISTA CONTEMPORÂNEA DE PORTUGAL E BRAZIL. Lisboa: Typ. do Futuro, v. III n. 6, p. 272-312, 1861.
- CRUZ, Carlos Eduardo Soares da. *Felicidade pela Imprensa: Romantismo na Revista Universal Lisbonense* de A. F. de Castilho (1842-1845). Tese (Doutorado em Estudos de Literatura). [Instituto de Letras], Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.
- CUNHA, Ana Cristina Comandulli da. *Presença de A. F. de Castilho nas letras oitocentistas portuguesas: sociabilidades e difusão da escrita feminina*. Tese (Doutorado em Estudos de Literatura). [Instituto de Letras], Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014
- REVISTA CONTEMPORÂNEA DE PORTUGAL E BRAZIL. Lisboa: Typ. do Futuro, v. III, 1861.
- SOUZA, Maria Peregrina de. *Retalho do Mundo*. Porto: E. P. Barbosa, 1859.
- _____. *Rhadamanto ou A Mana do Conde*. Lisboa: Castro Irmão, 1863.
- _____. *Maria Isabel*. Porto: J. P. da Silva, 1866.
- _____. *Henriqueta: romance original precedido de biographia da auctora pelo Visconde de Castilho*. s. l.: L. C. P. de Mello, 1876.

Minicurrículo

Ana Cristina Comandulli é doutora em Literatura Comparada – Estudos de Literatura pela UFF (2014), com tese intitulada *Presença de A. F. de Castilho nas Letras Oitocentistas Portuguesas: sociabilidades e difusão da escrita feminina*; membro do Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras do Real Gabinete Português de Leitura, onde desenvolve pesquisa sobre impressos oitocentistas luso-brasileiros e literatura portuguesa oitocentista. Técnica em Assuntos Educacionais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.